

ARTESANIAS DA DIFERENÇA: PRINCÍPIOS E CONCEITOS DE UMA PESQUISA COM A DEFICIÊNCIA E A LOUCURA

Daniele Noal Gai¹
Aline Milena Castro Matos²

Resumo:

O artigo discute os princípios e conceitos da pesquisa “Entre: Artesanias da Diferença (encontros com os modos de existir, narrar e aprender com a deficiência e a loucura)”, que se dedicou à interseção entre Educação especial e saúde mental, enfatizando uma abordagem que afirma a diferença como potência criadora. Longe de buscar um conhecimento estável ou respostas definitivas, essa escrita se propôs a acompanhar os desvios, as fissuras e os territórios instáveis onde a diferença se inscrevia como potência. Em vez de enquadrar corpos e subjetividades dentro de parâmetros normativos, a pesquisa operou na contramão das práticas que reduzem a diferença a um desvio a ser corrigido, considerando o modelo social em contrapartida do biomédico. O que se desenhou foi um campo de experimentação, um artesanato metodológico que se fez na escuta, no encontro com o imprevisível. As “artesanias da diferença” emergiram como um princípio ético e político, uma forma de pesquisar que não se fechava em modelos prévios, mas que se abria ao devir. Nesse percurso, a escrita tornou-se um território de disputa, onde vozes historicamente silenciadas encontraram espaço para afirmar outros modos de existir. A investigação, assim, não se limitou a uma crítica às práticas normativas, mas buscou criar brechas para imaginar outras formas de convivência e pertencimento.

Palavras chaves: Artesanias da Diferença. Narrativas. Deficiência. Loucura.

CRAFTS OF DIFFERENCE: PRINCIPLES AND CONCEPTS OF A RESEARCH WITH DISABILITY AND MADNESS

Abstract:

The article discusses the principles and concepts of the research project “Between: Crafts of Difference (encounters with ways of existing, narrating, and learning with disability and madness)”, which focused on the intersection between special education and mental health, emphasizing an approach that affirms difference as a creative force. Rather than seeking stable knowledge or definitive answers, this writing aimed to follow the deviations, fissures, and unstable territories where difference was inscribed as power. Instead of framing bodies and subjectivities within normative parameters, the research went against practices that reduce difference to a deviation to be corrected, considering the social model as an alternative to the biomedical model. What emerged was a field of experimentation, a methodological craftwork shaped through listening and encountering the unpredictable. The “crafts of difference” emerged as an ethical and political principle, a way of researching not enclosed in predefined models but open to becoming. Along this path, writing became a territory of dispute, where historically silenced voices found space to affirm other ways of existing. The investigation,

¹ Doutora em Educação. Faculdade de Educação UFRGS. E-mail: daninoal@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8027-687X> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3728974369628512>.

² Especialização em Currículo e Didática nos Anos Iniciais. Professora da rede privada do município de Porto Alegre. E-mail: alinemcmattos@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3451-0984> Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4622043508563527>.

therefore, was not limited to criticizing normative practices, but sought to create cracks through which to imagine other forms of coexistence and belonging.

Keywords: Crafts of Difference; Narratives; Disability and Madness.

ARTESANÍAS DE LA DIFERENCIA: PRINCIPIOS Y CONCEPTOS DE UNA INVESTIGACIÓN CON LA DISCAPACIDAD Y LA LOCURA

Resumen:

El artículo discute los principios y conceptos de la investigación “Entre: Artesanías de la Diferencia (encuentros con modos de existir, narrar y aprender con la discapacidad y la locura)”, que se dedicó a la intersección entre la educación especial y la salud mental, enfatizando un enfoque que afirma la diferencia como una fuerza creadora. Lejos de buscar un conocimiento estable o respuestas definitivas, esta escritura se propuso acompañar los desvíos, las fisuras y los territorios inestables donde la diferencia se inscribía como potencia. En lugar de encuadrar cuerpos y subjetividades dentro de parámetros normativos, la investigación operó en contracorriente a las prácticas que reducen la diferencia a una desviación a ser corregida, considerando el modelo social como contrapunto al biomédico. Lo que se configuró fue un campo de experimentación, una artesanía metodológica construida desde la escucha y el encuentro con lo imprevisible. Las "artesanías de la diferencia" surgieron como un principio ético y político, una forma de investigar no encerrada en modelos previos, sino abierta al devenir. En este recorrido, la escritura se tornó un territorio de disputa, donde voces históricamente silenciadas encontraron espacio para afirmar otros modos de existir. La investigación, así, no se limitó a una crítica a las prácticas normativas, sino que buscó crear fisuras para imaginar otras formas de convivencia y pertenencia.

Palabras clave: Artesanías de la Diferencia; Narrativas; Discapacidad y Locura.

Introdução

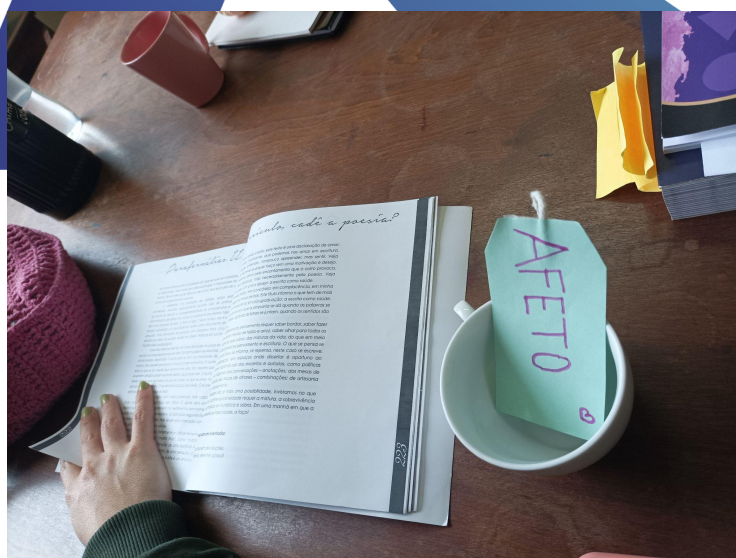


Imagem 1: Estudos de artesanias.

Fonte: Arquivo do projeto.

Este artigo é resultado das artesanias confluentes, que convergem com as artes, a saúde e a educação. “Entre: Artesanias da Diferença (encontros com os modos de existir, narrar e aprender com a deficiência e a loucura)” foi uma pesquisa vinculada à Faculdade de Educação da UFRGS/RS (2019 - 2024), desenvolvida a partir do interesse em tecer narrativas e dispositivos metodológicos com e para os diferentes modos de existir.

Durante os cinco anos de execução, estivemos com profissionais da saúde, pesquisadores, oficinairos, professores, estudantes e bolsistas, com e sem deficiência, de diferentes regiões do Brasil, com os seguintes objetivos: produzir artesanias da diferença; construir artesanias narrativas em educação e saúde que potencializem acolhimentos aos corpos e modos de existir na deficiência e na loucura; mapear as conexões entre a rede pública de ensino e os serviços de saúde mental, a fim de identificar e fortalecer caminhos de apoio e práticas de inclusão para estudantes e usuários dos serviços.

Trata-se, assim, de uma pesquisa qualitativa, que utilizou a metodologia intitulada "Encontros de Artesanias" para cartografar as ações da educação especial na perspectiva da educação inclusiva e as ações da saúde mental coletiva, analisando suas potências e fragilidades, durante e após a pandemia da COVID-19 e o período de retrocesso nas políticas inclusivas no Brasil.

Nesta pesquisa, trabalhamos com o conceito de modos de existir, narrar e aprender na deficiência e na loucura, defendendo a ampliação das formas de nomear, referir e compreender os corpos que se compõem na deficiência e na loucura. Entendemos que as pessoas com deficiência e as usuárias de serviços de saúde mental se encontram e se misturam num emaranhado de omissões e negligências. Compusemos com corpos, gestos, intenções, sujeitos de direito, pessoas. Pessoas com existências historicamente desprezadas, estigmatizadas e violadas. Pessoas com narrativas, histórias e memórias que revelam a potência das artesanias da diferença, da composição singular de cada corpo e cada memória.

Diante disso, nossos princípios sempre foram pautados pelo cuidado: evitar eufemismos, não incorrer em assistencialismo, não reproduzir capacitismo e discriminação. Essa ética da pesquisa não se restringe à formulação de conceitos ou análises de dados, mas orienta toda a construção investigativa e metodológica deste estudo.

Metodologia

Ir, ver, tocar, sentir, cheirar, criar com a deficiência e a loucura foram as preposições de nossa pesquisa-ninho. No miudinho, nos perguntávamos: como narrar e aprender com a deficiência e a loucura? Quem entrará primeiro nestas redes em artesanias: as pessoas com deficiência ou as pessoas loucas? Sobre quem desejamos falar: os que vivem em meio à deficiência ou os que vivem em meio à loucura? Como são tecidas as redes entre os serviços de saúde mental e as escolas? Como produzir narrativas em primeira pessoa sobre inclusão, equidade e acessibilidade?

É nos modos de existir aracnianos que encontramos a poética da nossa gira. Os modos de existir aracnianos foram tomados nesta pesquisa para reivindicar e construir uma artesanaria da diferença na pesquisa em educação. Fernand Deligny (2015), autor do conceito aracniano, dispara a construção propositiva e provocativa do conceito "*Artesanias da Diferença*" e de outros conceitos filosóficos produzidos nesta pesquisa.

O educador aracniano dissertava, em suas múltiplas anotações, cartografias e filmografias, sobre o autismo e sua capacidade de produzir redes, teias, miragens, paisagens, presenças: modos de existir aracnianos. Além de crianças e jovens autistas, também acompanhava jovens considerados delinquentes, com problemas com a justiça e que cumpriam medidas socioeducativas. Deligny (2018), junto de seus colaboradores e cooperadores de estudos e trabalho, acolhia, trocava experiências e acompanhava esses jovens de um modo muito próprio e radicalmente inclusivo.

Com o entrecruzamento das artes integradas, da educação social e da educação especial, o autor francês, que viveu um período de sua vida no sul rural da França, recluso com colaboradores aracnianos, construiu uma arena inclusiva para pessoas com deficiência, autistas e pessoas consideradas loucas. Esta pesquisa, do artesanariar-pesquisar, do investigar com artesanias-feituras, reuniu aracnianos para solucionarem seus próprios impasses artesanalmente, costurando proposições e construindo uma ética colaborativa.

Para efeitos de pesquisa, Deligny (2015) dispara um método — um método de dissertação através de traços, redes, mapas e artesanias em pesquisa, mas também um método de ação e construção de diálogos aracnianos em educação, uma teia que se expande e é feita a muitas mãos. Os estudos realizados na França com pessoas autistas e adolescentes institucionalizados fundam uma metodologia de ensino, de estudos e de observação

cartográfica, que constrói e sustenta a prática educadora e potencializadora de outros modos de existir. O que interessava esta pesquisa: a compreensão e afirmação do desenvolvimento potencial e integral das pessoas.

Sabemos que Deligny e seus colegas de trabalho não eram especialistas em educação, tampouco em educação social, educação especial ou artes. Ainda assim, propuseram ações que consideramos importantes para pensar um modo outro de registro, que é o que também interessava a esta pesquisa. Inspirados por isso, nos propusemos, nesta pesquisa acadêmica, a realizar artesanias da diferença: anotações em mapas, diários, cartazes e redes digitais. Empenhamo-nos na cartografia dos dias colaborativos e relacionais, na construção de cotidianos com as empirias e no processo de pesquisar com outras pessoas aracnianas.

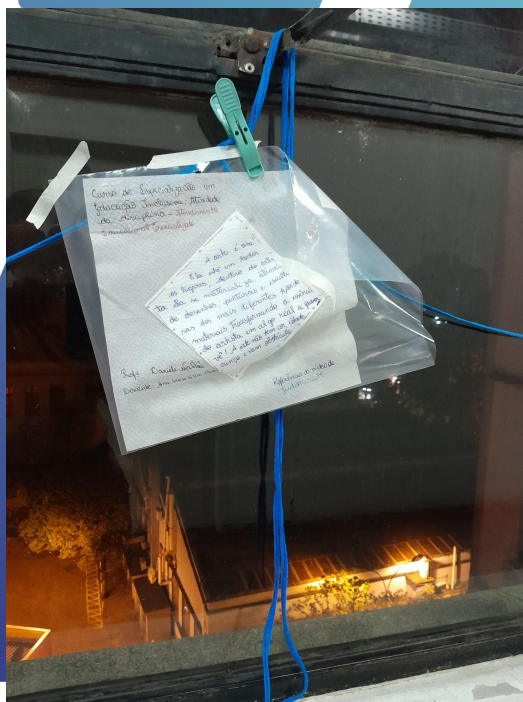


Imagem 2: Como se registra uma pesquisa de artesanaria?

Fonte: Arquivo do projeto.

Construindo uma sustentação filosófica da diferença, um arquivo filosófico e nômade, afirmamos um modo de existir na contemporaneidade autoafirmado na potência de diferir e criar teias, redes, presenças e paisagens vivas. Problematicamos e colocamos um fim radical aos ajuizamentos, às comparações, às ortopedias, aos preconceitos, às normalizações e às naturalizações que, na contemporaneidade, seguem atravessadas por fascismo, machismo, racismo e capacitismo.

Ainda que a pesquisa se insira no campo da filosofia da diferença, suas considerações se entrelaçam com a pedagogia, que se dedica ao ensino e à aprendizagem, ao diagnóstico educacional diferenciado, à avaliação pedagógica e ao desenvolvimento integral das pessoas com deficiência e das pessoas com transtornos psicossociais graves. As relações entre essas áreas e suas fronteiras foram enfrentadas e ultrapassadas sempre que a pesquisa necessitou. Aqui, uma medicina se encontrou com uma pedagogia com facilidade, desde que possibilitado e agenciado o fato, o ato, o evento, o acontecimento. Nos debruçamos sobre as complexidades, tensionando o pensamento, o imprevisto, o inusitado, os diálogos improváveis e os acordos ponderados, equitativos e justos.



Imagem 3 Fotografias escritas em giz sobre a temática capacitismo e inclusão de pessoas com deficiência
Fonte: Arquivo do projeto.

Ao produzir uma pesquisa com artesanias da diferença e com narrativas em saúde e educação buscamos inspirações na escrita tradutora de Corazza (2019, 2019a, 2021) e em performances das pesquisas com arte e artistagens. Desde Spinoza (2011, 2014) e seu método axiomático; acompanhando Arbus e Woolf na fotografia e na literatura; retomando a performance em Abramovic, com espaços para o teatro em Ohno; até Benjamin (2013) e seu método materialista; com Galli e os arquivos da loucura, com Hilst e a sua poesia demasiadamente humana, entre outros.

Assim como em outros autores e autoras que dissertam, conversam, narram e assim produzem uma pequena mudança, um olhar que vê e olha, um gesto que acolhe e faz confiar, uma presença que expande a compreensão das coisas, que transmuta verdades absolutas, que

tenciona binarismos. Autores e autoras que afirmam a amorosidade, uma paragem ao lado, um aperto de mão, um pensar de outro jeito.

Comportaremos adiante um modo de pesquisar, pois compuseram-se gigantes arquivos: composição! Afinal, nesta pesquisa, que fez movimentos teórico-metodológicos, estivemos acompanhadas de pesquisadoras, artistas e escritoras, com as quais realizamos as leituras em tom artesaniador. Ou então, que aproveitamos das obras de arte como dispositivos para artesanias outras: bell hooks (2019) com uma pedagogia feminista na voz de mulher negra. Grada Kilomba (2021) com a obra de arte de mulher negra e as desobediências poéticas.

Marilda Oliveira de Oliveira (2021) com a investigação baseada nas artes e a formação docente em artes visuais e outras licenciaturas. Marina Abramovic (2021) na obra-viva e vida performer que atravessa a arte contemporânea. Paola Zordan (2019) com a sua cria, uma gaia educação. Sandra Corazza (2019; 2021) produzindo escrituras e sonhos em educação. Suely Rolnik (2011; 2018) implodindo insurreição, cartografia, arte, cafetinagem e desejo. Itxi Guerra (2021) e a luta contra o capacitismo e anarquismo, para pensar a linha tênue entre o modelo social, o modelo médico de deficiência e outros modelos como religioso e eugênico. Na pesquisa das artesanias as hierarquias, a honestidade, a eugenia e as hegemonias não (nos) servem.

Transgredir e produzir efeitos e sentidos para a vida pulsar foi uma possibilidades defendidas na artesanaria de um pensamento em educação. Abrir fissuras com conversações e escutações entre artigos, livros, obras, exposições e tudo que cada uma e cada um dos colaboradores mostraram, carregaram, narraram, artesanaram e sugeriram. Portanto, evidenciamos que artesanaria na diferença é colocar em destaque a vivacidade, o vivo da vida, o elo vital, ainda que aos pedaços, sob exclusões e feridas expostas. Nem sempre artesanaria na diferença é amorosidade tácita e composição por similitudes ou semelhanças. Exatamente pelo estranhamento é que operamos artesanarias. Infere-se que dessas maneiras dissertadas aqui, modos processuais, pouco acabados e com fissuras, múltiplos, a sociedade operaria em uma lógica relacional e inclusiva. Estamos falando da deficiência, da loucura, sobremaneira: das pessoas! Das vidas experienciadas, das vidas acontecendo, das possibilidades para a liberdade, criação e humanização destes tempos sombrios. Afirmamos práticas de liberdade artesanariadas na educação, na saúde, nas artes.

Uma pessoa, um corpo, uma história, uma obra, uma artista está em questão, sob atenção, entre cuidados, em escuta, com a sua deficiência: faça imersão, frua, leia, veja, encare, encontre passagens e faça trocas. Uma pessoa, um corpo, uma história, uma obra, uma artista está em questão, sob atenção, entre cuidados, em escuta, com a sua loucura: faça imersão, frua, leia, veja, encare, encontre passagens e faça trocas.



Imagem 4 e 5: Fotografias de cartazes sobre a temática diagnóstico, capacitismo e exclusão.

Fonte: Arquivo do projeto.

Em meio a esta pesquisa, que deambulou entre as redes de ação da educação especial e da saúde mental, indagaram-nos: a arte como narrativa? Sim: colocando como questão e abrindo campo de investigação das artes como linguagem, como comunicação, como artesanaria relacional. Uma vez que permeia o campo de composição desta pesquisa - sendo o próprio plano e a materialidade, o próprio plano e a visualidade para disparar narrativas - é o que nos interessa discorrer e aprofundar, este destino, que, por enquanto, intuímos, é uma destinação, um estalo, uma torção, e só o é por entender a arte como narrativa. Haja estômago para tudo que foi dito sobre narrativas nestes tempos bolsonaristas, de mídia golpista, de redes digitais de ódio, de artes de morte, de uma ética fascistóide.

Nesse sentido, por exemplo, não apenas pensamos e produzimos - artesanias-feitura - uma educação inclusiva, mas uma educação cheia de sensações, sensibilidades, experimentações. Agora é o momento de mostrar e defender como outras pessoas e professoras com e sem deficiência pesquisam, pesquisaram e documentam suas práticas pedagógicas inclusivas, sobretudo como elas olham para a escolarização de pessoas com deficiência, também atentas ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) que é direito destes estudantes.

Ainda no sentido dos exemplos, não apenas pensamos e produzimos - artesanias-feitura - uma saúde mental antimanicomial, mas um cuidado em saúde de acolhimentos, sensações, sensibilidades, experimentações. Agora é o momento de mostrar e defender como outras pessoas pesquisam, pesquisaram e documentam suas práticas em saúde mental coletiva, assim como suas próprias vidas privadas de liberdade, sobretudo como elas olham para a promoção de saúde das pessoas com transtornos psicossociais, também atentas aos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e Centros de Convivência (CECOS) que é direito destes usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

Tratar-se de um tipo de pesquisa artesanado, não necessariamente todo tempo tecido com linhas e fios físicos, pois que podem ser com folhas, encadernações e diários, assim como inventados e bordados em planos virtuais, em telas, em pergaminhos, cartas e cartões postais. Método que foi desenvolvido e definido neste projeto e no processo desta pesquisa: com artesanias da diferença e com narrativas contemporâneas da deficiência e da loucura.

Método desenvolvido e definido neste projeto e no processo desta pesquisa: pois é arte narrativa, uma criação, é artesanias do pensamento, é coisa sendo produzida na vida e no entremeio de seus desdobramentos. Assim como a pesquisa foi realizada em cinco anos, a metodologia foi estruturada, ampliada, expandida e sustentada com os estudos, as leituras, os equívocos, as trocas coletivas, os compartilhamentos com outras pesquisadoras em atividades de estudos e redes de estudos. Ao longo do período e com as revisões das bibliografias que selecionamos para este fim, propomos uma pesquisa com artesanias da diferença e com narrativa em educação e em saúde.

Todos os extremos são perigosos. É melhor ficar no meio da estrada, nas trilhas costumeiras, por mais lamacentas que sejam. Ao escrever, escolha as palavras comuns; evite a rapsódia e a eloquência – mas, é verdade, a poesia é deliciosa; a melhor prosa é aquela que está mais plena de poesia. Parece, pois, que devemos ter em mira uma simplicidade democrática. Podemos desfrutar de nosso aposento na torre, com as paredes pintadas e as espaçosas estantes de livros, mas lá embaixo, no jardim, cavando, está um homem que enterrou o pai esta manhã, e é ele e os de sua estirpe que vivem a vida real e falam a língua real. Existe certamente um elemento

de verdade nisso. As coisas são ditas com muita precisão na ponta mais baixa da mesa. Há, talvez, mais das qualidades que importam entre os ignorantes do que entre os estudados. (Woolf, 2017, p. 18).

Com ato e palavras comuns, buscando um coletivo comum, fomos ao encontro no ponto mais baixo da mesa. Ao passo demorado das experimentações das ferramentas, dos registros, dos encontros, das confabulações, das realizações, é que tivemos conosco a tartaruga Benjaminiana.

Utilizando as anotações do autor, eu diria que ele se estende de 1828, quando circula o primeiro ônibus ligando a Bastille à Madeleine, a 1913, momento em que o último bonde puxado a cavalo é definitivamente superado pela tração motora [...]. Entre uma ponta e outra Paris passa por mudanças profundas, sua história, marcada por diferentes cadências, revela como o ritmo lento dos cavalos é substituído pela velocidade dos automóveis e dos bondes elétricos. Nos diz Benjamin que ainda em 1839 era elegante as pessoas passearem acompanhadas de tartarugas pelas calçadas (o que exprime o andar vagaroso do *flâneur*)! (Ortiz, 2000, p.15)

Lentamente e com paragens: fomos passando pandemias, tragédias, fascismos e enchentes. Para a tartaruga do tempo lento e extensivo, flanaremos adiante. Com a qual flanamos ao longo dos encontros de artesanias. Para a qual dedicamos a demora de uma pesquisa, paradoxalmente, da emergência, do absurdo, do inusitado, do pouco previsível, da fuga, da: mediocridade, arrogância, preconceito, racismo, exclusão, isolamento, vida despedaçada, vida retirada, vida sem futuros, vida esfacelada, vida aprisionada, quase nada de vida, da vida enclausurada, da vida enlutada, da morte pelo fascismo. “Em todo luto, há uma profunda inclinação para a ausência de linguagem, o que é infinitamente mais do que uma incapacidade ou uma aversão a comunicar. Assim, aquilo que é triste sente-se conhecido de parte a parte pelo incognoscível”. (Benjamin, 2011, p. 71).

Benjamin a Adorno
Skovsbostrand, 04/10/1938
Caro Teddie,

oito dias atrás eu estava dando os retoques finais na segunda parte de “Baudelaire”; dois dias mais tarde a situação europeia teve um *dénouement* provisório. Extrema foi minha tensão nas últimas semanas pela colisão dos prazos históricos com os editoriais. Daí a demora destas linhas. Ontem estive ocupado em organizar as várias centenas de livros que aqui se encontram a fim de embarcá-los para Paris. Mas cada vez mais tenho a sensação de que esse destino terá de ser um ponto de baldeação para eles como para mim. Até quando os ares europeus continuarão fisicamente respiráveis, não sei; espiritualmente, tal já não é o caso depois dos episódios das últimas semanas. Não é fácil constatá-lo, mas não há mais como contornar a situação. Uma coisa pelo menos é agora indiscutível: que a Rússia se deixou amputar de uma extremidade europeia. Quanto à palavra de Hitler de que suas pretensões territoriais na Europa estão resolvidas e as coloniais nunca dariam ensejo a uma guerra, interpreto-a como se desse a entender que as pretensões territoriais coloniais dariam ensejo a uma guerra para Mussolini. Prevejo que Túnis, habitada por um grande número, senão por uma maioria, de italianos, será o próximo objeto de “negociação”. [...] Presumo que você já terá lido a segunda parte do “Baudelaire”

quando esta carta chegar. Foi uma corrida contra a guerra; e senti, apesar da sufocante ansiedade, uma sensação de triunfo no dia em que pus a salvo da derrocada mundial o “Flâneur” depois de quase quinze anos de gestação (a fragilidade de um manuscrito!). (Adorno, 2012, p. 395-396).

Uma pesquisa que se preocupou com os grandes acontecimentos da história, especialmente por entender que no entremeio estão os pequenos agenciamentos de pequenos acontecimentos. Por micropolíticas, agenciamos resistências. Uma pesquisa que demora é aquela que tem tempo para reunir os cacos e os sublinhados dos dias, em meio à pesquisa e em meio aos manuscritos de pesquisa. Uma pesquisa que demora entrecruza, na universidade, o ensino e a extensão, em seu plano de estudos, planejamento e ação. Aquela pesquisa em que as aulas na graduação e na pós-graduação são arenas para a produção de materialidade e conceituação, de produção de narrativas e potências para mudança da formação na formação.

Resultados e Discussão

A pesquisa em artesanaria não se sustenta na lógica isolada da academia tradicional, mas na criação de vínculos, no reconhecimento da interdependência e na construção de um saber enraizado na experiência e na justiça social. Diante da pandemia de Covid-19 e do necessário de isolamento social, as condições sanitárias da época entre 2020 e 2021 nos exigiram a afirmação da ação pela criação, pela invenção, e, fortemente, através da escuta sensível, da clínica da artesanaria e dos estudos colaborativos de pesquisa.

Realizamos encontros de estudos e acolhimentos a professores, estudantes e trabalhadores do SUS de diferentes regiões do Brasil. Foram organizados quatro encontros *on-line* abertos à comunidade: “Escuta sobre as possibilidades e os impactos da arte em diálogo com a Saúde no enfrentamento à pandemia de COVID-19”; “Arte e saúde”; “Artesanias do trabalho e renda como aportes para a promoção de saúde” e, “Possibilidades para o Entre Artesanias, manifesto e construções de redes”. Nesses encontros bordamos com o que tínhamos visto, sentido e produzido; bordamos com o que nos paralisava e com o que nos ajudava a produzir saúde mental. Estendemos, artesaniamos, construímos nossa Rede, fortalecemos os vínculos e também trocamos cartas naquele momento pandêmico.

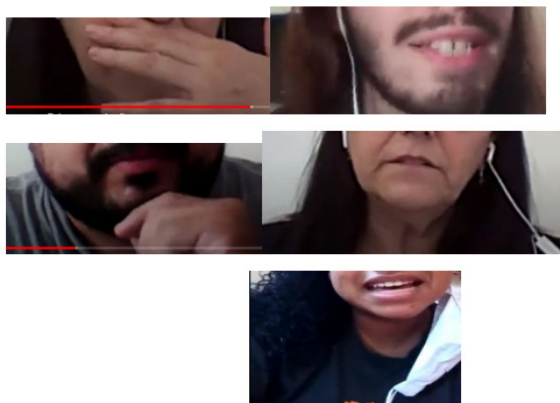


Imagem 6: Colagens dos afectos.

Fonte: Arquivo do projeto.

Os encontros foram uma invenção estratégica de ações que operaram no fortalecimento da biopotência (Angeli; Gravina, 2019), em que as relações de poder se difundiram em poder constituinte (Pelbart, 2003) de afectos, de identificação, de formas diversas de estar, de celebração da vida, de experimentações artesanais, de formação de outras existências possíveis. (Cadore *et. al*, 2021, p. 13)

Nossas ações, também resultaram na “Semana de Arte” (Matos, *et. al*, 2021) que durante três edições (2021, 2022 e 2023) provocaram encontros de forma presencial e remota, assíncronas e síncronas, foram marcadas pelas redes sociais, site, padlet, youtube, se estenderam pelas Universidades, Centros de atenção psicossocial, escolas, murais, varais, parques etc. Foram redes de artes que se interligaram e se compuseram. Através da itinerância, das redes de cuidado, produzimos, entrecruzadamente, arte.

Nos dois primeiros anos que esta pesquisa já se encontrava com pessoas e estava em andamento, deparamo-nos com diversas narrativas capacitistas que permeavam os serviços de saúde mental e os ambientes educacionais formais e não formais. Impossível paralisar frente a demandas contemporâneas, até mesmo por todo sofrimento testemunhado na pesquisa. Essas narrativas revelaram como os estigmas e as rotulações sociais impactavam não apenas a autopercepção de crianças e adolescentes, mas também limitavam suas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento. Esse panorama ressaltou a urgência de propor redes sensíveis, que possibilitassem encontros de significados, onde as vozes das pessoas fossem ouvidas e respeitadas, desafiando a lógica que as limitava.

Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente a necessidade de opor-se ao estigma que envolvia a saúde mental, promovendo uma visão que valorizasse a experiência individual e coletiva. A construção de ambientes inclusivos, que celebrassem a diferença e a criatividade, emergiu como um caminho essencial. Ao dar espaço para a diversidade, esses ambientes não apenas se tornavam mais acolhedores às especificidades de cada indivíduo, mas também

instigavam um diálogo transformador, questionando as normas estabelecidas e abrindo espaço para novas possibilidades.

A valorização dos modos de existir que desafiavam a normalização e a patologização mostrou-se crucial. Em vez de tratar as diferenças como deficiências, revelou-se fundamental enxergá-las como elementos que enriquecem a experiência humana. Esta pesquisa reafirmou que a celebração das singularidades poderia gerar novas narrativas que, por sua vez, transformavam a percepção de saúde mental e educação, movendo-se em direção a uma sociedade mais inclusiva e empática.

Portanto, a pesquisa nos impulsionou a (re)construir redes que tecessem o novo e a desconstruir práticas que não valorizavam a diferença e a subjetividade. Foi por meio dessas redes sensíveis que pudemos sonhar e agir em direção a um futuro onde todos encontrassem seu lugar, livres das amarras e enclausuramentos do capacitismo e da exclusão. O desafio permaneceu, mas a determinação de criar um espaço onde a saúde mental e a educação especial se entrelaçassem de maneira inclusiva e respeitosa motivou-nos a continuar essa jornada de problematizações, ponderações e proposições colaborativas entre pessoas com deficiência, altas habilidades e surdez e pessoas com transtornos psicossociais graves.



Imagens 7 e 8: Encontros de artesanias.

Fonte: Arquivo do projeto.

No que tange as práticas de pesquisa em educação, é possível afirmar que a metodologia dos *Encontros de Artesanias* se consolidou como uma prática fundamental para a

construção de um espaço de diálogo e reflexão com a comunidade. Esses encontros, ao provocarem trocas de saberes e experiências (de quem cuida e também de quem é cuidado, de quem educa e de quem é educado), nos permitiram ressignificar o conceito de cuidado, integrando de forma prática os campos da saúde mental e da educação, ampliando as fronteiras entre esses dois universos tradicionalmente tratados de forma hierárquica. A importância dessa pesquisa se revela, não apenas nos dados e resultados obtidos, mas principalmente no processo de construção coletiva que ela proporcionou.

A transformação das práticas educacionais e de saúde deve passar pelo reconhecimento e valorização das múltiplas formas de ser e existir. A busca por novas narrativas, que não se limitam aos moldes normativos, se configura como um desafio imprescindível para a construção de um ambiente educacional e de saúde mais inclusivo e humanizado. As práticas de cuidado precisam ser repensadas, levando em consideração a singularidade de cada indivíduo, e em um esforço conjunto entre profissionais da saúde e da educação, criar redes de apoio e políticas públicas que sustentem e nutram essas diferenças.

Considerações Finais

Nossos itinerários entrecosturam vidas, experiências, tempos, momentos, tensões, sensações, transposições. Percorremos temas, unidades, áreas, momentos e efetuamos a construção de manifestos, produtos técnicos, listas e prospecções. Esta pesquisa realizou a busca incessante por composição entre áreas, entendendo todas elas como campos singulares e potenciais para a composição e a criação de narrativas comuns. Agindo com o campo da educação especial; e os modos de narrar e aprender com a deficiência e a loucura, defendendo, por ora, o modelo social. Operamos na saúde mental; e os modos de narrar e aprender com a deficiência e a loucura; e o contrário da vida, nos seus avessos, nas suas possibilidades, nos seus aleijamentos, numa rua de mão dupla em movimento (Benjamin, 2013).

Fizemos artesanias, falhamos, impusemos, fomos afrontosamente resistentes, a ponto de gerar torções num pouco de cada uma das áreas. Certamente que o possível da pesquisa se deu junto, se deu com, se deu por pesquisar com, numa clínica da artesanaria. Fazer junto com outras pesquisadoras que se dedicaram e se dedicam a elas: educação e saúde populares. Indo na rua de mão única, no percurso das autoras e autores com deficiência, que versaram sobre

elas, suas memórias e resistência, ao longo da história da deficiência e da loucura. Indo na mão estreita das vias das deficiências e das loucuras inventadas e por inventar-se diferindo.

Como pesquisadoras das artesanias, nos fizemos a pergunta: como torcer o corpo pesquisador e debruçar-se para olhar de ver as pessoas, sem foco e lentes de aumento na deficiência e na loucura, em encontros para tratar com elas sobre nós, e sobre elas, para pensar como dar tratamento às narrativas sobre ambas. Convidamos profissionais da saúde e da educação, e pensamos e propomos: que se torçam e se debrucem nas artesanias da diferença e nas narrativas em educação e saúde!

Ainda, mais uma vez, e para sempre, como uma arte por sempre construir e ensinar, aprender, narrar, mostrar, distribuir e apresentar. Uma torção convocada por Ohno e seu Butô; e sua performance, e sua arte da teatralidade, e sua arte da composição com as coisas das coisas e a presença, o acontecimento vivo, a vida das coisas (corpos, substâncias, coisas etc).

Não basta falar à pessoa que está à sua frente:
“Torça um pouco o corpo, e, agora, fale.
Fale tudo o que quiser.”
Contido, torcendo um
[pouco o corpo. Não pode olhar a pessoa, mas
precisa olhar. Parece olhar, mas não olha.
É nesse limite, entendem? Tentem transmitir
Tudo o que quiserem. Mais do que olhar, é
Este “tudo o que quiserem”. Torcendo o corpo,
Imperceptivelmente.
(Ohno, 2016, p. 100)

Pesquisar “torcendo o corpo” para o que aí está, para as narrativas em saúde e educação. Pesquisar com a arte narrativa e a filosofia que lê a contemporaneidade. O interessante do pesquisar é conseguir articular argumentos, de outras pesquisadoras, com as nossas próprias inferências e os nossos achados de pesquisa. Consideramos, portanto, que com um planejamento em mãos, um cronograma objetivo, conseguimos analisar um grande número de arquivos e narrativas que demonstram o que estudos já levam a crer, já tem dado a ver, que temos como frutas maduras caídas sobre nossas mãos.

O artesanizar-pesquisar tem disso, o que está caindo de maduro precisa ser observado demoradamente, ao longo de um processo, ainda que não seja possível postergar ponderações sobre as emergências do testemunhado. Embora caindo de maduro, o fruto rende, embora caindo do pé, pois está passando o tempo de colheita, embora muito doce, é necessário catar, colher, dizer e fazer o óbvio, o que está maduro rende receitas, fizemos as nossas. Então, qualquer tipo de discriminação, exclusão e capaticismo é crime; por óbvio, é crime.

Referências

ABRAMOVIC, Marina. **MAI**. Disponível em: <https://www.mai.art/>. Acesso 10 jan 2021.

ADORNO, Theodor W. **Correspondências 1928-1940**. São Paulo: Unesp, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única: infância berlinense**, 1900. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CADORE, Paula; GAI, Daniele Noal; MATOS, Aline Milena Castro; LEMOS, Sônia Marias. Artesaniando possibilidades de acolhimento de Norte a Sul: entre experiências pandêmicas na saúde e na educação. **ClimaCom – Coexistências e cocriações** [Online], Campinas, ano 8, n. 20, abril. 2021. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/artesaniando-possibilidades/>. Acesso em: 13 out. 2024.

CORAZZA, Sandra Mara. **Breviário dos sonhos em educação**. São Leopoldo: Oikos, 2019.

CORAZZA, Sandra Mara. **Didaticário de criação: aula cheia, antes da aula**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1hb94QRyPfDmKPhstrzCwCq24Q3ys1niZ/view> . Acesso em: 10 out. 2019.

CORAZZA, Sandra Mara; et al. **Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/9shzjMpKnNGtLwdS3V9Z54L/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 jul 2021.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: n-1 Edições, 2015.

DELIGNY, Fernand. **Semente de crápula: conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-los**. São Paulo: n-1 Edições, 2020.

DELIGNY, Fernand. **Vagabundos Eficazes**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

GUERRA, Itxi. **Luta contra o capacitismo: anarquismo e capacitismo**. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2021.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Desobediências Poéticas**. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/grada-kilomba-desobediencias-poeticas/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MATOS, Aline; GAI, Daniele Noal et al (orgs.). **Anais da Semana de Arte ENTRE**. Porto Alegre: UFRGS, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/237139> . Acesso em: 20 dez. 2021.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; PAZ, Thais Raquel da Silva. **Outros rumos na formação docente em artes visuais: para onde caminhamos?** Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/10591>. Acesso em: 10 jan 2021.

ORTIZ, Renato. **Walter Benjamin e Paris: individualidade e trabalho intelectual**. 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ts/a/wxLpNWPjNR3qdYm6MVNSPy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2024.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da Ufrgs, 2011.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SPINOZA, Baruch de. **Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SPINOZA, Baruch de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

WOOLF, Virgínia. **O sol e o peixe: prosas poéticas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ZORDAN, Paola. **Gaia Educação: arte e filosofia da diferença**. Curitiba: Appris, 2019.